

OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E DE LAZER NA FESTA DE RENOVAÇÃO DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS NO CARIRI CEARENSE¹

Recebido em: 15/01/2015

Aceito em: 10/09/2015

*Ariza Maria Rocha*²

Universidade Regional do Cariri
Fortaleza – CE – Brasil

RESUMO: O objetivo deste artigo é configurar o lazer na Festa de Renovação realizada nos municípios do Aurora, Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte e Milagres. No tecido conceitual, utiliza-se a concepção de lazer aplicada por Dumazedier (2000), Marcellino (2000) e Elias e Dunning (1985). Trata-se de uma pesquisa etnográfica, com uma amostra de 24 famílias habitando no meio rural. Recorre-se à observação, diário de campo, registros fotográficos, entrevistas semiestruturadas e análise das narrativas. A festa é um espaço de sociabilidade e lazer, promovendo encontros, alegrias, sentimentos, emoções, afetos, afinidades e ainda fortalecendo a construção da identidade regional, principalmente através da comida. Por essa via, há a quebra da rotina doméstica da família que acolhe os parentes e os vizinhos, que compartilham, animados e voluntariamente, a festa naquela residência que congrega a cultura do Cariri.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Desenvolvimento da Comunidade. Centros de Convivência e Lazer.

THE SPACES OF SOCIABILITY AND LEISURE IN THE SACRED HEART OF JESUS RENEWAL FEAST IN CARIRI – CEARÁ

ABSTRACT: The objective of this article is to configure leisure in the Sacred Heart of Jesus Renewal Feast that takes place in the municipalities of Aurora, Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte, and Milagres. Along this article, the concept of leisure is the one applied by Dumazedier (2000), Marcellino (2000), Elias and Dunning (1985). This is an ethnographic research with a sample of 24 families dwelling in rural areas. The instruments used were observation, field diary, photos, semi-structured interviews and the analyses of verbal reports. The feast is a space for socialization and leisure promoting meetings, happiness, sentiments, emotions, care, affinities and strengthening the local identity, mainly through the food that is served. This way, there is a break in the family domestic routine who houses relatives and neighbors that will, happily and voluntarily, share the feast in that house that

¹ Este trabalho contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

² Pós-Doutora em História pela Universidade de Lisboa; Doutora e Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade Regional do Cariri (URCA).

congregates Cariri's culture.

KEYWORDS: Leisure Activities. Community Development. Centers of Connivance and Leisure.

Introdução

Este artigo tem o objetivo de configurar o lazer e os espaços de sociabilidade na Festa de Renovação do Cariri cearense, através da religião e da comida. O referido festejo acontece em muitas casas do Cariri cearense, especialmente nas cidades de Aurora, Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte e Milagres, municípios que delimitaram o campo desta pesquisa.

A questão norteadora foi: em que medida a Festa de Renovação do Sagrado Coração de Jesus proporciona lazer e espaço de sociabilidade, agregando a religião e a comida na referida festa? O que se almeja é apresentar os espaços de sociabilidade e de lazer, através da religião e da comida, na mencionada festa religiosa, que é tradicional na região e existente em praticamente todo o sul do Ceará, atentando-se para os diferentes momentos de sua realização.

A coleta de dados ocorreu por intermédio da etnografia e foi efetivada ao longo dos anos de 2012 e 2013, estudo que confluuiu para o estágio de pós-doutoramento, sob a supervisão da Professora Doutora Isabel Drumond Braga, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no período de 2013 e 2014, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

A etnografia serviu como suporte da pesquisa empírica, qualitativa, descritiva, a qual busca a compreensão a partir do ponto de vista do outro e de sua cultura, ou seja, trata-se da “descrição densa”, nas palavras de Geertz (2008, p. 9), que vai além de um modelo operacional e técnico por envolver um processo “[...]”

experiencial, interpretativo, dialógico e polifônico [...]” (CLIFFORD,1998, p. 58) transformado para um tecido textual.

Por esse suporte teórico-metodológico, minha entrada em campo foi autorizada, compartilhada e negociada por cada integrante que me permitiu a inserção em seus domicílios para observar a rotina doméstica, acompanhar os preparativos dos dias de festa, bem como o acolhimento e a participação nas práticas e espaços reservados aos mais íntimos, por exemplo, a cozinha.

Esclareço que o acolhimento dos participantes propiciou uma interação agradável e direta com as famílias. Muitas vezes, a recepção, além de aprazível, foi também gostosa, no que diz respeito à questão gastronômica, pois sempre havia uma iguaria para oferecer-me. Tal prática causou-me estranhamento diante da hospitalidade de pessoas simples que não esperavam minha visita. A título de ilustração, menciono o fato de que, não raro, por conta das entrevistas que se estendiam até o horário das refeições, o meu prato era mais um na mesa da família.

Após os iniciais esclarecimentos aos participantes sobre as etapas da pesquisa, foi solicitada a autorização do uso da imagem e o acompanhamento da rotina alimentar na preparação da festa dos interlocutores. Assim, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos informantes, atendendo à Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde, revogada pela Resolução 466/12.

Tais pedidos foram autorizados pelos participantes por entenderem que a referida pesquisa trata da divulgação de uma tradição religiosa da região e da valorização da cultura alimentar da festa. E mais, como testemunhas de uma prática e possuidores de saberes, os participantes entenderam que são responsáveis pela transmissão desses conhecimentos aos mais jovens. Com base nesses argumentos, foi

possível a negociação de todas as etapas da pesquisa, inclusive a manutenção dos nomes verdadeiros (e imagens), evitando a utilização de pseudônimos, já que seriam reconhecidos pelas imagens autorizadas.

Assim, a pesquisa iniciou-se no ano de 2012 e, ao longo de oito meses, desde outubro de 2012 até meados de maio de 2013, participei de dez festas religiosas, mais precisamente nos municípios de Aurora, Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte e Milagres, dada a facilidade de acesso aos informantes. Após o levantamento das famílias, selecionei a amostra de 24 sujeitos com o seguinte perfil: homens e mulheres na faixa etária de 21 a 93 anos que habitassem os sítios da região, ou seja, que residissem no meio rural.

Minha aproximação com as famílias ocorreu através de contatos de amigos em comum, o que favoreceu a entrada no campo, isto é, nas residências dos participantes que moravam nos sítios: no meio rural. Dessa experiência, saliento que pude vivenciar vários momentos emocionantes com as famílias em seus lares, a exemplo de encontros e despedidas, circunstâncias alegres e tristes, fatos religiosos e profanos, orações e danças, além de, sobretudo, (com)partilhar da comida da festa e de ter acesso à cozinha das casas.

Para apreender a festa e os momentos de lazer, a pesquisa foi realizada nas seguintes etapas: primeiro, utilizei a observação participante, com o intuito de relatar minuciosamente as práticas alimentares. Segundo, empreguei entrevistas semiestruturadas, individuais e coletivas (juntando vários membros de uma mesma família como forma de complementar a informação). As informações foram compondo o diário de campo, o registro fotográfico e a análise para se transformar em um texto, pois, segundo Clifford (1998, p. 41): “Os eventos e os encontros da

pesquisa se tornam anotações de campo. As experiências tornam-se narrativas, ocorrências significativas ou exemplos”.

A respeito do debate acadêmico, existem muitos estudos, tanto internacionais quanto nacionais, que abordam a relação entre lazer e festividades religiosas, entre eles, menciono o trabalho de Oliveira; Romera e Marcellino (2011), contudo justifico o interesse pela temática em virtude da escassez de uma literatura que configure a Festa de Renovação da região na composição da sociabilidade e do lazer no Cariri, sobretudo atrelada à comida como atividade de lazer que proporcione a sociabilidade nos momentos religiosos entre as famílias, vizinhos e agregados.

Talvez tal lacuna de conhecimento seja ilustrada por alguns pesquisadores considerarem o lazer um universo apartado da vida cotidiana das pessoas. Eis o alerta registrado no pensamento elisiano para a necessidade de reorientação dos estudos nessa área.

Este texto está dividido em quatro tópicos: 1) Introdução; 2) A Festa de Renovação no Cariri cearense; 3) A festa e os espaços de sociabilidade e de lazer. Através desse ritual sagrado e profano, foi possível identificar algumas práticas e espaços de sociabilidade dos devotos do Sagrado Coração de Jesus no decorrer da festa; e, por fim, 4) As considerações referentes ao (des)fechamento da pesquisa.

A Festa de Renovação no Cariri Cearense

A Festa de Renovação é um importante momento de renovação religiosa de muitas famílias do Cariri. A celebração possui histórias guardadas no seio familiar que são marcadas e permeadas por tradições e situações nas quais a fé, a comida, os espaços de sociabilidade e o lazer inter cruzam-se nos lares.

Assim, a casa é enfeitada e toda vizinhança é convidada para a Festa de Renovação. Esse é o lugar de encontro em que a família se prepara para receber parentes, vizinhos, amigos e agregados. Entre os convidados, não podia deixar de faltar a rezadeira, pessoa encarregada de puxar as orações e os cânticos religiosos diante do altar da família, localizado na sala de visita.

Na sala de jantar, está a mesa posta com um banquete, por mais simples que seja, mas com a fartura para agradar o santo e o convidado mais exigente da festa. Na cozinha e no quintal (ou terreiro, como também é denominado), estão os preparos, os ingredientes, os saberes e os fazeres da festa, com os quais lidam as mulheres da casa.

Segundo Monsenhor Ágio³, a raiz da devoção ao Sagrado Coração de Jesus ressoa do período medieval europeu. Contudo, foi a partir da fé de Santa Alacoque (1647-1690), considerada, então, a padroeira da festa, que os festejos se propagaram para além da França.

A Cartilha de Renovação (1962, p. 1) que guia o ritual religioso explica que a santa teve sonhos com Jesus Cristo, nos quais assumia o seguinte compromisso para com as pessoas devotas ao Divino Coração:

1. Dar-lhes-ei todas as graças que precisarem para o seu estado;
2. Dar-lhes-ei a paz no seio da família;
3. Consolá-los-ei em todas as suas aflições;
4. Servir-lhes-ei de refúgio durante a vida e na hora da morte;
5. Espalharei abundantes bênçãos sobre todas as suas empresas;
6. Os pecados encontrarão no meu Coração a fonte de misericórdia;
7. Tornarei fervorosa as almas pacíficas;
8. As almas fervorosas se elevarão com rapidez a uma alta perfeição;
9. Abençoarei também as casas em que a imagem do meu Sagrado Coração estiver exposta e venerada;
10. Darei aos padres o dom de comover os corações mais endurecidos;
11. As pessoas que propagarem esta devoção terão os seus nomes inscritos no meu Coração e dele nunca se apagarão;
12. A todos os que comungarem à 1ª sexta-feira, nove meses seguidos, prometo a graça da perseverança final; não morrerão na minha desgraça nem sem receber os sacramentos, e meu Coração se tornará seu asilo seguro na última hora.

³ Informação verbal colhida no dia 10 de julho de 2012, no Crato-CE.

Da Europa ao Cariri, Padre Cícero Romão, sacerdote que esteve em Roma em 1899, por conta do seu processo de excomunhão diante do caso do *Milagre de Juazeiro* (DELLA CAVA, 1985), trouxe a imagem do Sagrado Coração ao Juazeiro do Norte e, nessa ocasião, dirigiu-se aos muitos romeiros para abraçar a devoção ao santo no seio familiar.

Destaco que Cícero Romão Batista, o Padre Cícero, foi um sacerdote de grande popularidade no Nordeste brasileiro. Nasceu na cidade do Crato, em 24 de março de 1844, e faleceu na cidade de Juazeiro do Norte, em 1934. Popularmente, ficou conhecido por “Padim Ciço”, já que foi padrinho e apadrinhou muitos devotos. Teve destaque na vida social, política e religiosa do Ceará.

A partir da iniciativa de Padre Cícero, passou-se a comemorar a devoção ao santo com celebrações anuais em muitos lares da região. A festa é também conhecida como “entronização”, o que significa “colocar Jesus no trono da casa”, termo que se emprega quando a família recebe pela primeira vez o Coração de Jesus em seu lar; depois de receber a bênção por um sacerdote, a imagem é posta no altar, também chamado de trono. Nos anos seguintes, os familiares renovam a crença no Sagrado Coração de Jesus, daí chamar-se “renovação”. Eis as orientações que a família deve seguir:

1. É bom ter um sacerdote a presidir a cerimônia, mas isso não é essencial para se obterem as indulgências. Havendo um forte motivo para tal, pode ser o pai ou outra pessoa da família a presidir e a conduzir as orações;
2. Sempre que possível, na manhã desse dia, não deixe de oferecer o Santo Sacrifício da Missa pelo Reinado do Sagrado Coração de Jesus no seu lar, e, como ato de amor e Reparação ao Coração Sacratíssimo do nosso Salvador, toda a família deve também fazer o possível por receber a Sagrada Comunhão, nessa ou noutra Missa;

3. Arranje um quadro (ou imagem) do Sagrado Coração de Jesus – o mais belo que encontrar. Se já possui um em sua casa, então use esse quadro;
4. Por baixo do lugar de honra escolhido, prepare o ‘trono’ ou o ‘altar’ reservado ao Coração de Jesus: uma mesa (ou uma prateleira de fogão ou uma simples prateleira) coberta com um *paninho* branco, bordado, e enfeitado com a beleza de flores e velas. Antes da cerimônia da Entronização, coloque perto do ‘trono’ uma mesinha: aí terá água benta e o quadro ou imagem a ser entronizado(a);
5. Convide parentes e amigos para a cerimônia – começará assim a ser um ‘apóstolo do Sagrado Coração’. Faça uma festa de família depois da cerimônia, tendo um *mimo* especial para as crianças, que, evidentemente, devem estar presentes à Entronização, mesmo as mais pequeninas;
6. Faça deste dia um dos acontecimentos mais importantes da sua vida familiar – algo que mereça ser lembrado. Quanto maior for a solenidade, melhor (ASSOCIAÇÃO DE FÁTIMA, [2011], s/p).

Seguindo esses princípios, o ato da entronização é comemorado com muita alegria pelos familiares. Tais princípios revelam os cuidados na preparação do trono (ou altar), que se trata de um pequeno santuário com uma mesa (ou uma prateleira) coberta com um tecido branco, também chamado de “toalhas do Santo”, muitas vezes de renda e bordado com as iniciais do Sagrado Coração de Jesus: SCJ.

As imagens dos santos que dependem da devoção de cada família são colocadas sobre a mesa, além das flores (em muitas residências, são artificiais, de cor rósea e azul), velas acesas e um copo de água benta no altar. Além da fé, a ornamentação de cada altar depende também das condições econômicas dos devotos.

Acima do “altar”, ficam afixadas as molduras do Coração de Jesus e de Maria. É comum, no Cariri, encontrar, ao lado da representação do Sagrado Coração de Jesus e de Maria, a imagem de Padre Cícero, de Frei Damião (frade capuchinho italiano radicado no Brasil; nasceu em Bozzano, em 1898, e faleceu em Recife, em 1997), dentre outros, conforme a Imagem adiante.

Imagem 1: Bênção do quadro e afixação no altar por Monsenhor Ágio



Fonte: Arquivo particular da família Botelho (2010).

Na esperança do cumprimento das promessas de Cristo, as famílias reúnem amigos, vizinhos e agregados para renovar os votos religiosos. Não há um dia certo, ou seja, o dia da festa depende de cada família, por se tratar de uma data especial e significativa, como batizado, votos matrimoniais do casal, aniversário, oferenda de comida (a carne de Cristo) pela renovação dos votos religiosos. D. Maria de Lourdes Santos faz sua Festa de Renovação no dia 28 de setembro, data em que comemora seu 48º aniversário de casamento, mesmo estando separada há 26 anos, pois, como explica: “O que Deus uniu, ninguém separa e nunca traiu Jesus. Ele [o ex-marido], sim, mas eu não”.

Para Dona Ana, a renovação dos votos representa grande felicidade e “[...] passa da mãe para os filhos”. A data escolhida por ela também é o dia de seu aniversário matrimonial, 4 de novembro. Já para Dona Lilica, a festa representa “muita bondade” e, assim como as demais, preferiu comemorá-la na data de aniversário de seu casamento, 18 de novembro.

A data também pode ser escolhida nos dias dos santos, por exemplo: São José, Santo Expedito, São João, São Miguel Arcanjo, nascimento de Cristo, etc., por isso mesmo, inicialmente, a festa era chamada de “reza do santo”. Caso alguma família precise mudar o dia da festa, altera-se sempre para o mês seguinte, conforme explicação de D. Lourdes, de sorte que “[...] nunca muda para o mês de trás, porque isso significa retroceder na vida ou atrasar a vida”.

Para muitas entrevistadas, a festa é um importante momento para a família, uma vez que é através da renovação dos votos de fé que sua casa está abençoada e protegida contra todos os males, como também é o momento de agradecer ao Altíssimo por todas as bênçãos derramadas no seio familiar. Diante desse entendimento, encontra-se a possibilidade de configurar o lazer na Festa de Renovação no contexto das sociabilidades dos participantes e a partir dos sentidos por eles atribuídos.

Grosso modo, a festa do passado era marcada por três momentos: primeiro, a liturgia religiosa; segundo, os preparativos; terceiro, a merenda servida após a reza. Nos dias de hoje, acrescenta-se mais dois momentos: o quarto, refeição servida antes da reza, que, dependendo do horário, pode ser o almoço ou a janta; e o quinto, trata-se de uma junção dos dois últimos, ou seja, uma refeição antes e um lanche depois das orações, como aconteceu na casa de Dona Alice.

A festa, as Práticas Alimentares e os Espaços de Lazer e Sociabilidade: a Experiência Etnográfica à Luz do Pensamento de Dumazedier, Marcellino, Elias e Dunning

Neste tópico, apresentarei as bases teóricas do lazer e da sociabilidade no pensamento de Dumazedier (2000) e Elias e Dunning (1985), para dialogar com a

experiência etnográfica e com as aprendizagens vividas no universo da Festa de Renovação do Cariri.

Para o sociólogo francês Joffre Dumazedier (2000, p. 35), o lazer é:

[...] é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Nesse sentido, o lazer assume três papéis sociais. O primeiro diz respeito ao descanso, no sentido de reparar as energias gastas do dia a dia. O segundo corresponde ao divertimento, recreação e entretenimento, correspondendo à complementação do cotidiano com atividades extras. Em outras palavras, refere-se à ruptura do universo cotidiano com atividades que equilibram o organismo. Já a última função, o desenvolvimento livre e voluntário do indivíduo, busca novas aprendizagens e integração em agrupamentos sociais com importância, predominantemente, em ampliar a cultura popular.

Tais funções são encontradas nas festas que, por si, são ocasiões extraordinárias, ou seja, momentos que escapam ao controle da rotina com o poder de descarregar os desejos reprimidos e regressar, purificados e transformados, ao ordinário cotidiano, com a lembrança da festa que passou e à espera da que está por vir.

Desperta-se, assim, o interesse religioso pelo lazer e a criação de novos espaços de sociabilidade, como também novos grupos de lazer, a exemplo das organizações recreativas e educativas, como é o caso da Festa de Renovação, que tem uma organização regulamentada pelo viés institucionalizado da Igreja Católica Romana. A mencionada festa é o momento em que os devotos, movidos pela fé, passam por várias situações de organização por parte de uma determinada comunidade, além de se configurar como uma

circunstância em que há o estabelecimento de ações recíprocas em prol da realização do momento festivo, criando-se, conseqüentemente, espaços de sociabilização e de lazer.

Ainda que corroborando Dumazedier, destaco a divisão do lazer e da sociabilidade em Marcellino (2000) sob diferentes interesses culturais, a saber: físicos, artísticos, práticos, intelectuais e sociais. Embora os conteúdos culturais devam ser pensados em termos da predominância e da circunstância em uma situação, evidencio o aspecto social da Festa de Renovação por favorecer, principalmente, o convívio entre as pessoas no contexto local.

Na linha de pensamento de Elias e Dunning (1985, p. 69), o lazer emerge como possibilidade de externar as emoções para além das obrigações rotineiras das sociedades consideradas civilizadas que adquiriram “[...] forte necessidade de sublimação [...]” e que apresentam “[...] considerável multiplicidade de atividades de lazer que desempenham essa função”. Ou seja, devido ao processo civilizacional, o ser humano foi ficando com as emoções reprimidas, as quais são liberadas no contexto do lazer.

Nessa perspectiva, o lazer provoca um excitação, no sentido de dinamizar as tensões, possibilitando ao sujeito vivenciar emoções, afetos, medos, alegrias, tristezas, enfim, sentimentos, até mesmo contrastantes, em uma dada situação imaginária de uma atividade de lazer.

No pensamento elisiano, o lazer emerge como possibilidade de externar as emoções e produzir experiências agradáveis e prazerosas para além das obrigações rotineiras das sociedades industrializadas. Nesse enfoque, o lazer é constituído pelos seguintes elementos: trabalho privado e administração familiar, repouso, provimento das necessidades biológicas, sociabilidade e atividades miméticas ou de jogo. Restringimos à sociabilidade, que “[...] significa dizer que um elemento do prazer é o sentimento

agradável vivido pelo facto de se estar na companhia dos outros sem qualquer obrigação ou dever para com eles” (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 179).

Entre as muitas atividades que pertencem ao quadro, os autores citam a comida compartilhada nos espaços de lazer e de sociabilidade, pois “[...] comer, beber e fazer amor irradiam [...] directa ou indirectamente, em particular para a categoria da sociabilidade” (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 109), mesmo que seja uma festa religiosa com o poder da Igreja Católica, predominantemente de autocontrole das emoções. No entanto, o próprio pensamento elisiano não está de acordo com o determinismo a respeito do papel da Igreja, seja na sociedade medieval, seja na contemporânea. Os autores explicam:

[...] A verdade é que até mesmo os serviços religiosos na Idade Média eram, com frequência, menos disciplinados e muito menos separados da vida quotidiana das pessoas do que hoje se verifica. Por outro lado, a vida quotidiana estava impregnada em maior grau, para o melhor e para o pior, de crenças sobre a proximidade de Deus, do Diabo e dos seus diversos acólitos – santos, demónios, espíritos de toda a espécie, bons ou maus –, que esperavam influenciar através de várias formas de oração, bem como por magia branca ou negra. Neste campo, também a aplicação de termos abstractos, como o ‘religioso’ ou ‘secular’, que nos surgem como alternativas exclusivas, bloqueia o entendimento de um género de vida que não se ajusta ao nosso padrão de diferenciação institucional e conceptual de actividades religiosas e seculares. Se é necessário expressar o menor grau de diferenciação segundo os nossos termos, apenas pode dizer-se que, nas sociedades tradicionais da Idade Média, as actividades seculares eram mais religiosas e as actividades religiosas mais seculares do que as das sociedades contemporâneas. (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 265-266).

Com esse entendimento, é possível configurar os espaços de sociabilidade, no sentido empregado por Elias e Dunning, como elemento de lazer em que os comensais partilham a comida e as relações sociais também na Festa de Renovação do Cariri. Vejamos, então, algumas situações extraídas a partir da experiência etnográfica.

Um dos momentos centrais da festa, porque os outros giram em torno desse primeiro ato, é o encontro do anfitrião com os familiares, amigos e convidados, os quais, por algum motivo, distanciaram-se do convívio diário. Como muitos parentes chegavam de viagem à noite, os familiares ofereciam o jantar antes das orações, como explica Monsenhor Ágio: “[...] a tradição da festa era à noite, mas, como vinham familiares de longe, antecipavam-se as rezas”.

Depois que a família fazia a devoção, já era noite e servia-se uma refeição, por exemplo, o jantar. Caso a reza começasse pela manhã, oferecia-se café com acompanhamentos, como sequilhos, bolos e tapiocas. Assim, a comida era servida, e continua sendo, fartamente, principalmente para os parentes que percorrem longas distâncias de viagem; muitos deles vêm de outro estado para participar desse marcante momento de oferenda e agradecimento a Jesus Cristo pela família. Desse modo, reúne-se a família dispersa para uma refeição festiva.

O ato de compartilhar a comida é muito significativo, pois, “[...] ao comer o sal do anfitrião, o hóspede participa da comunidade doméstica e cada prato terá valores de uma sucessiva integração familiar” (CASCUDO, 1967, p. 36). Essa ocasião ocorre após as rezas, quando os convidados são chamados pelos anfitriões para o banquete, entretanto a oferta da comida também depende da vontade, do gosto e da situação econômica do anfitrião ou anfitriã, podendo ser uma refeição (janta ou almoço) ou uma merenda (lanche), com bolos, salgados e refrigerantes, conforme ilustra a Imagem adiante.

Imagem 2: A ceia



Fonte: Acervo da pesquisadora (2011).

Para o dia de festa, a ordem é a fartura, haja vista que não se pode economizar na comida do santo, consoante as palavras de uma das entrevistadas. Dessa maneira, com antecedência de meses, a comida é organizada com a mesma dedicação que é dada ao Coração de Jesus. Outro momento marcante é a presença dos celebrantes (padre ou rezadeiras⁴) que proporcionam o encontro dos participantes com o divino, através da linguagem verbal (orações-preces, cânticos e ladainhas) e não verbal (expressões, silêncios e meditações).

A ocasião é marcada por orações e também por cânticos. Para facilitar o entendimento do ritual, apresento um quadro da festa realizada pela primeira vez

⁴ São “tiradeiras”, também conhecidas como “rezadeiras”, mulheres que rezam para tirar mau-olhado e quebrante, as quais também têm a função de “puxar” as orações. Embora em menor número, existem também homens “rezadores” (ou “tiradores”).

(entronização) e dos anos seguintes (renovação). A estrutura foi elaborada tomando como base o trabalho de Reesink (2009); saliento que os momentos da reza não são fixos, pois dependem do celebrante (padre ou tiradeiras). A seguir, apresento um panorama da parte religiosa da festa:

Quadro 1 – Fases da Festa do Sagrado Coração

	Primeiro Ano - Entronização	Anos seguintes - Renovação
Primeiro Momento Religioso	<ul style="list-style-type: none"> – Preparação do trono e a bênção de introdução do trono na família; – Cântico inicial; – Sinal da Cruz; – Ato de Consagração ao Sagrado Coração de Jesus; – Cânticos; – Prece - Ave-Maria; – Prece - Glória ao Pai; – Oração ao Sagrado Coração de Jesus; – Prece - Salve-Rainha; – Ladainha - Sagrado Coração de Jesus -Tenha Piedade de Nós; – Coração Imaculado de Maria - Rogai por Nós; – São José - Rogai por Nós; – Bem-Aventurada Margarida Maria - Rogai por Nós; – Consagração; – Canto: “Dá Saudade”, “Achei Jesus”; – Encerramento e bênção final: reza, cânticos e homenagem com aplausos, soltando rojões artificiais e vivas. 	<ul style="list-style-type: none"> – Início da reza; – Cântico inicial; – Sinal da Cruz; – Ato de Consagração ao Sagrado Coração de Jesus; – Cânticos; – Prece - Ave-Maria; – Prece - Glória ao Pai; – Oração ao Sagrado Coração de Jesus; – Prece - Salve-Rainha; – Ladainha - Sagrado Coração de Jesus - Tenha Piedade de Nós; – Coração Imaculado de Maria - Rogai por Nós; – São José - Rogai por Nós; – Bem-Aventurada Margarida Maria - Rogai por Nós; – Consagração; – Canto: “Dá Saudade”, “Achei Jesus”; – Encerramento e bênção final: reza, cânticos e homenagem com aplausos, soltando rojões artificiais e vivas.

Fonte: Elaboração própria (2014).

Nas festas que acompanhei, a grande maioria segue o Quadro anterior, contudo a criatividade e a inventividade quebram as estruturas fixas, e novos cânticos, ladainhas e orações são criados e reinventados. Há momentos, durante a prece, em que prevalece a presença da alegria, por exemplo, na saudação com salva de palmas ao Sagrado Coração, ocasião em que ocorre o encerramento da liturgia, conforme Imagem 3 à continuação.

Imagem 3: Palmas no final da liturgia



Fonte: Acervo da pesquisadora (2011).

Em toda a liturgia, os convidados acompanham o celebrante, aquele que está no poder para liderar toda a ação litúrgica. Em cada gesto, movimento e até no silêncio está a comunicação com o divino. Tais atitudes, através de atos simbólicos, expressam a coesão na fé ao Coração de Jesus, a reafirmação da aceitação coletiva e a atualização dos rituais litúrgicos. Apesar da integração das práticas corporais estabelecidas por convenções articuladas com o conjunto das ações e dos discursos, mesmo que os gestos sejam repetitivos, combinados, os símbolos não verbais são percebidos, compreendidos e interpretados por cada membro participante da liturgia.

A presença de um sanfoneiro também é outra particularidade da região, o qual é requisitado para muitas festas, consoante imagem adiante.

Imagem 4: Sanfoneiro acompanhando a liturgia da renovação



Fonte: Acervo da pesquisadora (2012).

Esse é um momento rico da animação da festa que aproxima os participantes, mesmo que haja uma estrutura fixa no cerimonial, o corpo quebra as regras, visto que:

A opressão do sentimento produzido pelo fardo irredimível do sofrimento humano na vida é iluminado, o sentimento é em si mesmo purificado pelos símbolos miméticos da música ou da poesia, dos movimentos do corpo ou máscaras, e pela tensão mimética experimentada por aqueles que testemunharam o sofrimento humano e a dor, num quadro imaginário da construção humana de uma tragédia (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 71).

Outro ambiente de socialização e lazer acontece em diferentes espaços da casa, desde a sala de visita ao quintal (ou terreiro) das casas do meio rural, uma vez que alguns moradores iniciam os preparativos com a arrumação dos galinheiros e dos chiqueiros. No quintal, os animais são preparados, com meses de antecedência (de maio até outubro), para o almoço festivo. Nesse mesmo espaço, sai o toucinho utilizado na fritura das comidas.

Assim, a renovação dos votos religiosos não é apenas realizada no dia da festa, mas se inicia meses antes, por exemplo, na compra e engorda dos animais, na pintura e limpeza da casa, etc. O lazer de muitos moradores está na execução desses preparativos, que, entre uma conversa, uma brincadeira, a matança do porco ou a limpeza da casa, divide as tarefas e as emoções, criando espaços de sociabilidade e lazer com os amigos, agregados, vizinhos, compadres e comadres.

Alguns moradores enfeitam suas casas e o quintal com bandeirinhas de papel coloridas e soltam fogos artificiais, tal como a festa que comemora o São João. Há, inclusive, pessoas que escolheram a data de 24 de junho, Dia de São João, para renovar os votos de consagração, como Dona Raimundinha (68 anos).

Ao mesmo tempo que se prepara a renovação da casa, organiza-se a comida, a qual, nas residências dos sítios, está nas plantações e hortas caseiras, bem como na criação de pequenos animais, como a galinha e o porco. Nesse espaço, estabelece-se mais uma relação de sociabilidade e de lazer, na troca de agrados entre os vizinhos, como também por meio da presença dos compadres e comadres para ajudar nos preparativos da comida.

A comida faz parte dos agrados entre os moradores de sítios do Cariri, os quais vão desde o oferecimento de fruta, carne de porco, bolo e raiz de uma planta à feitura do chá ou canja à vizinha que se encontra “acamada”. A respeito dos “agrados” com a carne de porco, Dona Expedita explica:

Quando meu marido podia, ele mesmo matava o porco, mas como ele não pode mais, a gente chama uma pessoa e dá um quilo do porco de agrado para ele. O porco é morto com uma machadada perto da orelha. Depois a sangria (artéria do pescoço) do porco é furada e o sangue é colhido em uma panela para fazer chouriço. Daí o porco é colocado em uma pedra para a retirada de seus pelos, onde se joga uma água fervente sobre a pele do animal, passando logo em seguida uma faca raspando os pelos. Enquanto isso, as mulheres iam preparando o chouriço e algumas partes, como o mocotó e a cabeça do porco. As únicas coisas que não se

aproveitavam eram o focinho e a passarinha [tripa avermelhada entre as vísceras]. Os ossos eram triturados e colocados no mungunzá e no feijão, as tripas eram lavadas e escaldadas com limão, vinagre e depois eram salgadas e torradas no óleo, eu mesma preparava. A papada era utilizada no feijão e no mungunzá, a cabeça era a primeira a ser cozida, juntamente com o mocotó; quando sobrava, era vendido ou distribuído entre os familiares.

Destaco que, por ser uma criação caseira comum em muitas comunidades, não havia a necessidade de vender a carne de porco. Assim, quando um vizinho matava o porco em seu quintal, era costume oferecer ao próximo, já que ele faria a mesma partilha e distribuição entre os familiares, amigos, vizinhos, compadres e comadres. Há aqui um espaço de sociabilidade com o sistema de troca de comida, pois aquele que matava o porco reservava e oferecia partes da carne como medida do grau de afinidade com o vizinho, compadre, comadre, enfim, com seus afetos e desafetos.

Tal prática não era unicamente reservada ao porco, repartia-se também o jerimum, legumes, frutas, etc. para agradar o vizinho como prova de amizade. Como retribuição, quando chegasse a vez de o vizinho oferecer o alimento, sabia-se que aquele que inicialmente compartilhou iria ser lembrado na oferta do alimento. Mesmo depois da distribuição, se sobrasse carne, havia o processo de sua conserva, no qual se “[...] retalhava, salgava, arrumava uma corda para pendurar para secar, ‘enxugar’”, nas palavras de Seu Sebastião.

Em regra, tal prática ocorre quando alguém tem um item alimentar em abundância e o oferece ao vizinho para atender à necessidade ou simplesmente para agradá-lo. Muitos moradores rurais possuem em suas propriedades pequenas criações de animais, a exemplo de galinha, porco, gado e cabras, além de pequenas plantações de horta e fruteiras, assim eles tornam-se autossuficientes e podem realizar a troca do excedente.

A relação é livre, mas aquele que recebeu o vívere tem a obrigação moral de

retribuir quando a situação se inverter, pois, apesar de a retribuição também ser livre, na prática, trata-se de uma obrigação e deve ser correspondida na mesma medida, para evitar comparações, além ou aquém, da comida distribuída. Trata-se de uma convenção, uma espécie de contrato, aliança que não está escrita em lugar nenhum, mas que é vivenciada no dia a dia, ano após ano, na relação vicinal no meio rural do Cariri.

Na ausência de uma balança para pesar os alimentos nas comunidades locais, realizava-se as classificações pelas medidas de uma mão, ou seja, por “palmos”. A esse respeito, Dona Isabel (70 anos, moradora do Sítio Sabógo em Aurora, no Ceará) explica que: “Para cada pessoa, o seu pedaço; antes, não se pesava a carne e a distribuição era feita por dedo, dois dedos de largura, uma mão, chegando até um palmo, que hoje se pode dizer que era oferecido quase dois quilos ao vizinho”.

Nesse contexto, o zelo e o carinho empenhado evitam inimizades, tendo em vista que, mesmo que não seja um bom vizinho, é prudente presenteá-lo, já que ninguém quer uma relação conturbada com alguém que resida ao lado da sua casa. Assim, Dona Maria (85 anos, moradora de sítio no Crato, no Ceará) explicou: “É melhor agradar o vizinho para não ter um inimigo por perto”.

Tal exemplo também se estende ao convite para comer junto à mesa. À guisa de exemplo, quando um anfitrião oferece um jantar (ou almoço) e convida o vizinho, o convocado é livre para aceitar ou não, mas, a fim de se evitar o mal-estar na relação vicinal, não é recomendável recusar o convite. E mais, para evitar falatórios, ciúmeira e conflitos, a delicadeza do convite deve ser retribuída na primeira ocasião em que o convidado tiver oportunidade.

Enfim, ninguém quer um mau vizinho, principalmente quando se mora distante da infraestrutura básica de uma cidade grande, além do mais, Seu Manuel (66 anos,

morador de Barbalha, no Ceará) alerta para o fato de que não se sabe “[...] quando a necessidade vai bater à sua porta”.

A cozinha também é o espaço de socialização e de lazer. Em muitas casas, a comida é feita pelos familiares, com os olhares atentos das donas da casa, sobretudo daquelas mais velhas, que usavam a experiência e a sabedoria. Sob o comando dessas senhoras estão as orientações para o preparo da comida, as divisões de tarefas, a hora de matar o porco e as galinhas no quintal (terreiro) pelos homens, a partilha da comida para os vizinhos e familiares, o convite à rezadeira, a recepção aos comensais, o servir a mesa e, por último, a reorganização da casa, depois da festa.

Para além dos preparativos, está a troca de receitas, as notícias da vizinhança, as brincadeiras dos mais novos e as piadas dos mais velhos. Nesse sentido, afirmo que a cozinha e o quintal são espaços de sociabilidade e de lazer em que familiares e amigos se encontram para ajudar nos preparativos da festa, para pôr os assuntos em dia e, especialmente, para trocar saberes e fazeres culinários regionais.

Outro momento de sociabilidade e lazer que destaco é o espaço das brincadeiras entre as crianças das famílias envolvidas na festa. É o encontro de irmãos, primos e amigos correndo pela casa ou pelo quintal, empenhados em atividades como pega-pega, esconde-esconde, futebol, etc. Assim, nas casas observadas, ao mesmo tempo que os adultos rezam, conversam e comem, as crianças brincam livremente pelos espaços dos sítios, quebrando o controle dos pais e a rigidez religiosa.

No dia da festa, os espaços de sociabilidade e lazer estão dispersos por toda a casa: da calçada (com a recepção aos convidados) à sala de visita (com a reza), bem como da sala de jantar (na hora de servir os convidados), passando pela cozinha (na feitura das refeições), até o quintal. Enfim, os espaços de lazer e de sociabilidade estão

presentes na vida cotidiana e nos dias especiais, a exemplo da Festa de Renovação. Mesmo que seja em uma festa religiosa, é uma necessidade para o próprio homem, pois, segundo Elias e Dunning (1985, p. 74), “[...] a incapacidade de controlar estes impulsos é, pelo menos, tão dolorosa e tão escusada como a necessidade de os controlar demasiado”.

Algumas Considerações

Este artigo teve o objetivo de apresentar os espaços de sociabilidade e de lazer na tradicional Festa de Renovação realizada em muitas residências católicas no sul do Estado do Ceará, mais precisamente no Cariri.

Na pequena análise etnográfica, observei que a religião, a comida, os espaços de sociabilidade e de lazer estão entrelaçados e permeados com uma simbologia que marca os preparativos, os altares, a afixação do quadro do coração de Jesus, a toalha branca, a mesa com as comidas regionais, enfim, uma simbologia própria da Festa do Sagrado Coração de Jesus.

Apesar da seriedade e do controle da religião, através de cartilhas, brochuras, folhetos e orientações dos padres e rezadeiras com um saber que atravessa gerações, a festa é um momento de excitação e, como tal, proporciona um espaço de sociabilidade e de lazer, promovendo encontros, alegrias, sentimentos, emoções, afetos, afinidades e ainda fortalecendo a construção da identidade regional, principalmente por intermédio da comida. Por essa via, há a quebra da rotina doméstica da família que acolhe os parentes e os vizinhos que prestigiam, animados e voluntariamente, a festa naquela residência que congrega a cultura do Cariri.

Diante do exposto, destaco que a Festa de Renovação no Cariri é um

importante momento no calendário católico do local, que promove a sociabilidade e o lazer, além de fortalecer a fé e as tradições regionais, a exemplo da culinária, entre os devotos da Festa do Sagrado Coração de Jesus.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE FÁTIMA. **Nossa Senhora de Fátima na Internet**, [2011]. Disponível em: <<http://www.fatima.org/port/essentials/whatucando/otherdevotions/home.asp>>. Acesso em: 11 jan. 2012.

BOTELHO, A. C. N. **Fotos da Festa de Renovação**. Crato: Arquivo Particular, 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196/96** – Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Diário Oficial da União, Brasília, 16 out. 1996. p. 21.082-21.085.

CARTILHA. **Cerimonial para entronização dos Sagrados Corações de Jesus e Maria**. 7. ed. Petrópolis: Vozes Limitadas, 1962.

CASCUDO, L. C. **História da alimentação no Brasil**. São Paulo: Companhia Nacional, 1967.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

DELLA CAVA, R. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, M.; ROMERA, L.; MARCELLINO, N. Festa, lazer e religião: o caso da “Festa de São João” em Tupi, Piracicaba-SP. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 303-310, 2011.

REESINK, M. L. Rogai por nós: a prece no catolicismo brasileiro à luz do pensamento maussiano. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 29-57, 2009.

Endereço da Autora:

Ariza Maria Rocha
Rua Francisco Cícero Pierre, N.13
Bairro Grangeiro,
Crato – CE – 63109.075
Endereço Eletrônico: arizarocha2000@yahoo.com.br